

CADERNO DE **Livro** SUGESTÕES **Biguru**



Autoria

Geruza Zelnys

Especialista do Instituto Avisa Lá

Coordenação

Ana Carolina Carvalho

Érica de Faria Dutra

Coordenadoras do Instituto Avisa Lá



CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

Livro

Biguru

Autora

Eva Potiguara

Ilustradora

Lumina Pirilampus

Indicação

6º e 7º anos — crianças a partir de 10 anos de idade

Gênero literário

Memórias

Conteúdo

Instituto Avisa Lá

Revisão

Valquíria Della Pozza



SUMÁRIO

| | |
|--|--------------|
| Carta de apresentação | IV |
| Por que ler <i>Biguru</i>? | V |
| Quem escreveu e quem ilustrou este livro | V |
| Relevância da obra | VI |
| Contribuição da obra para a formação leitora | IX |
| Propostas de mediação | XII |
| A relação entre texto e imagem e suas possibilidades | XIII |
| Relato de memórias: natureza, infância e afetos | XV |
| Atividades e Projetos literários | XVI |
| Atividades | |
| Poemas e memórias | XVI |
| Cartas para os mais velhos | XVI |
| Biguru: gestualidade em cena | XVII |
| Projetos | |
| Contos e cantos indígenas | XVII |
| Histórias contadas a partir de elementos culturais | XVIII |
| Recursos complementares | XIX |
| Referências bibliográficas | XX |



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro(a) educador(a) mediador(a),

Este *Caderno de sugestões do(a) educador(a) mediador(a)* é um material que contribui para sua mediação de leitura. Traz propostas e informações sobre o livro *Biguru* para os leitores dos Anos Finais do Ensino Fundamental, 6º e 7º anos, e a partir de 10 anos de idade. Seu início apresenta o livro, a autora e a ilustradora, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos nas escolas e bibliotecas. Começa com uma apresentação do livro, do autor e da ilustradora, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos nas escolas e bibliotecas. Depois, há propostas para apoiar a mediação de leitura, por meio de caminhos para mergulhar neste livro, além de atividades práticas e projetos literários — sempre valorizando aspectos da literatura que dialogam com as experiências de vida dos leitores. Por fim, há recursos complementares a serem explorados na mediação e as referências bibliográficas que fundamentaram a elaboração deste material.

Biguru, de Eva Potiguara, é uma narrativa memorialística em que, com olhos de menina, a autora revive sua infância e a relação com os avós na zona rural do Brasil. O contato com o universo indígena se revela no colorido das imagens, que destacam a natureza e a terra como elementos sagrados, além da força do feminino, representada pela avó Susana. A temática é apresentada de modo imagético e lúdico, alcançando impacto tanto pelas ilustrações cheias de elementos naturais quanto pela prosa poética da autora. Num tempo em que o brincar com a terra e a natureza é limitado pelas telas, a leitura de *Biguru* convida à reflexão sobre a beleza da troca entre crianças e idosos, confluência entre curiosidade e experiência, capaz de gerar memórias que permanecem vivas na travessia da vida.

Este caderno foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nas escolas públicas e em outros espaços educativos brasileiros. Desejamos que essa leitura inspire caminhos e promova diálogos férteis, reafirmando a literatura como um espaço de resistência, pertencimento e equidade.

Boa leitura!



POR QUE LER *BIGURU*?

A vida é feita de compartilhamentos, e as experiências tornam-se ainda mais especiais quando narradas a alguém. Contar não é apenas alinhar palavras diante de um outro: é criar imagens que cintilam na imaginação, é recriar o acontecimento para que ele nunca se perca. É o despertar do olhar concentrado de quem escuta, é o ouvido atento que não quer perder detalhes. É na gira entre palavra, escuta, olhar e troca que se dá a mediação de leitura, formando uma roda de sentidos capaz de promover a fruição leitora, garantir a experiência estética e, ao mesmo tempo, aprimorar a compreensão. Por isso, ao conduzir a mediação de leitura, o escritor francês Daniel Pennac alerta que:

Ele [o jovem] é um público implacável e excelente. Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de por à prova sua competência; estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar [...]; se recusarem em transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretendo esse prazer até que ele se transforme em dever, fundindo esse dever na gratuidade de todo aprendizado cultural, fazendo com que encontrem assim, eles próprios, o prazer nessa gratuidade (1993, p. 55).

Assim, toda proposta de mediação deve girar em torno da liberdade para ler, da gratuidade de experienciar o livro e da hospitalidade de trocar impressões. Desse modo, fomenta-se o gosto pela leitura literária e a construção de identidades — individuais e coletivas — que respeitem a diversidade, a pluralidade cultural e étnica. Ao mesmo tempo, promove-se a formação crítica dos leitores, preparando-os para atuar socialmente em uma convivência ética, justa e solidária, que privilegie a dignidade humana de todos, por meio da empatia e do respeito às diferenças, em especial às dos povos originários, como os indígenas.

Quem escreveu e quem ilustrou este livro?

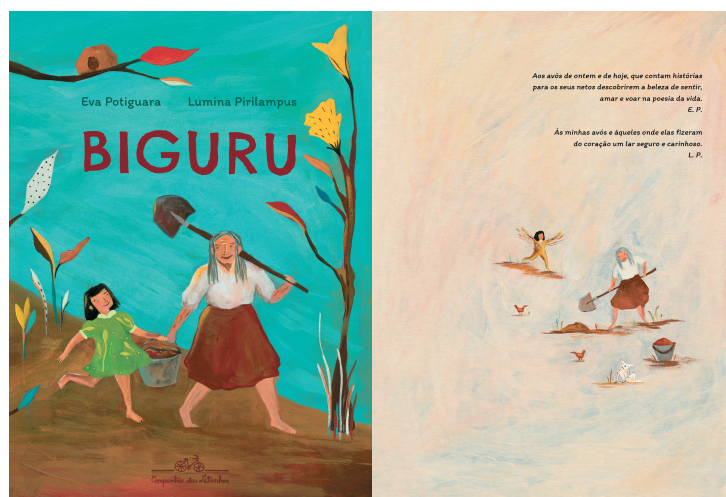
Eva Potiguara é indígena e faz parte do povo da Aldeia Sagi-Jacu, em Baía Formosa, no Rio Grande do Norte. Escritora, poeta e contadora de histórias, atua também como pesquisadora de literatura e cultura indígenas no Grupo Linguagens e Autoformação, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Eva é graduada em Artes Plásticas e possui mestrado e doutorado em Educação pela UFRN, com mais de 35 anos de atuação como docente. Recebeu diversas premiações do Ministério da Educação e Cultura (MEC) e distinções internacionais, como o ISME Pátio, em Madri, na Espanha (2006). É coordenadora do Mulherio Nacional das Letras Indígenas, instituição na qual criou o projeto literário *Álbum Biográfico Guerreiras da Ancestralidade* (2022), vencedor do Prêmio Jabuti em 2023, na categoria "Fomento à leitura". Integra várias academias de Letras no Brasil e em Portugal. Autora de dez livros, também participou como coautora em diversas coletâneas nacionais e internacionais.



Lumina Pirilampus é o nome artístico de Carolina, jovem artista visual nascida em 1994, no Vale do Paraíba, em São Paulo. Ilustradora, arte-educadora e pesquisadora de livros para a infância, dedica-se a desenhar, experimentar cores e técnicas e a viajar pelo mundo — seja pelos territórios que percorre, seja pelas páginas que ilustra e anima. Em cada obra, dá continuidade à menina que foi e que permanece viva em sua arte.

Relevância da obra

Em um mundo cada vez mais tecnológico, preservar a memória e o passado pode parecer algo obsoleto. No entanto, ninguém melhor do que os povos indígenas para compreender a ancestralidade como força vital e fundamento da luta, da resistência e da sobrevivência. É nesse contexto que *Biguru* surge como um respiro em meio à urbanização, trazendo à tona as relações de afeto, o vínculo com a terra e o brincar — elementos já anunciados desde a imagem da capa e na epígrafe



Os leitores dos Anos Finais do Ensino Fundamental, assim como os frequentadores de bibliotecas públicas e comunitárias, têm seus conhecimentos prévios ativados tanto pelas imagens quanto pelo gênero do livro: memórias. Já na capa, encontram-se Biguru, uma menina, e sua avó, Suzana, de mãos dadas. A figura dos avós remete, de imediato, à afetividade e à proteção. São eles que costumam transmitir às crianças os primeiros ensinamentos, tornando-se a presença viva do passado e a expressão da força da ancestralidade.

A observação atenta da capa revela personagens alegres, embora compartilhem o peso de um balde cheio de barro, e a avó carregue sobre os ombros uma enxada. Trata-se de uma imagem potente, que remete não apenas à temática da obra, mas também à força do feminino. Ao mesmo tempo, reflete o papel das mulheres nas comunidades indígenas, responsáveis tanto pela educação das crianças quanto pelo cuidado com a terra e a natureza, preservando costumes e tradições dos povos originários.



Nas páginas iniciais, a menina surge sentada sobre um monte de terra, observando curiosamente um besouro e, em seguida, brincando como se batesse asas, enquanto a avó cava a terra. Essas imagens suscitam reflexões sobre a importância do brincar e do contato com a natureza como aspectos fundamentais para o desenvolvimento das crianças.

As cenas de *Biguru* refletem princípios semelhantes aos da disciplina positiva, proposta por psicólogos como Rudolf Dreikurs e Alfred Adler e organizada por Jane Nelsen (2015) na década de 1980. Ao valorizar relações baseadas no afeto, na empatia e na atenção às necessidades da criança, a obra ressalta a importância do respeito mútuo, da conexão e do desenvolvimento socioemocional, promovendo uma infância segura, criativa e emocionalmente saudável.

Assim, os leitores podem perceber o quanto a cultura indígena e sua ancestralidade têm a ensinar. Promove-se a oportunidade de se despir de preconceitos em relação a essas populações por meio da leitura literária. Além disso, a obra evidencia que uma vida simples, em contato com a natureza, pode ser plena de felicidade, mostrando que a verdadeira abundância e riqueza estão nas descobertas, nas partilhas com os mais velhos e na contemplação de tudo que é acessível a todos: os pássaros, a vegetação, o barro e o luar.

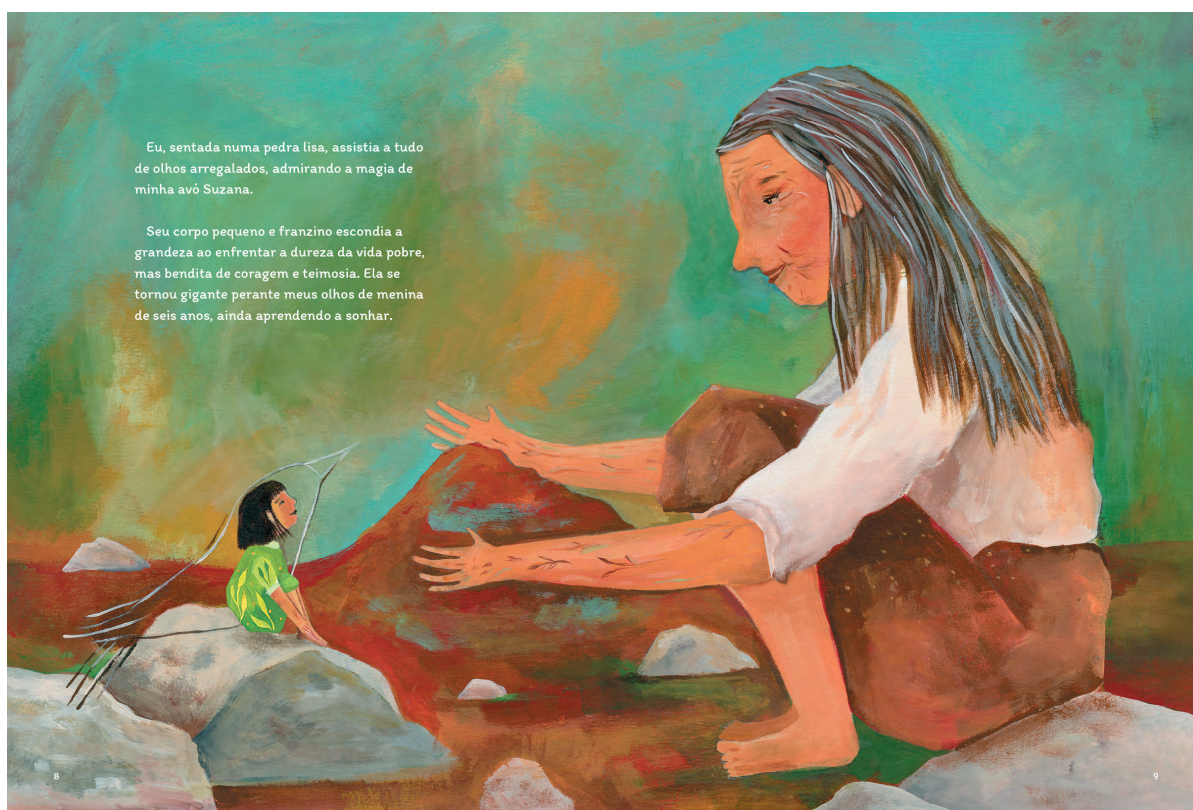
O livro também apresenta uma imagem metafórica do poder criador. Os leitores se deparam com mãos delicadas sobre o barro, que parecem gerar vida, como descreve o texto: *“As suas mãos mergulhadas no barro encharcado pareciam dançar numa sintonia sagrada, criando formas com a água e a vida”* (p. 6).



É interessante observar que, apesar das inferências textuais sobre a velhice e o trabalho, o narrador não destaca esses aspectos, mas sim a surpresa de que as mãos que benzeem, abençoam e cozinham são as mesmas que geram os meios para o sustento da família. Nesse sentido, a obra evidencia, mais uma vez, como as mulheres são guardiãs da cultura indígena, mostrando, por meio da avó, como garantir o sustento familiar ao modelar o barro para criar um fogão de sapê.



A dança “numa sintonia sagrada” mencionada pela protagonista pode ser uma referência ao Toré, manifestação cultural indígena em que, em roda, dançam e brincam, celebrando a vida e conectando natureza e mundo espiritual. A relação entre o texto verbal e as imagens é pujante, como se observa nas páginas a seguir:



Em torno de Biguru, há o contorno de um passarinho, aludindo à magia da avó e fazendo referência tanto aos encantados quanto à proteção que ela exerce no imaginário da menina. No livro, a menina também será caracterizada como um bem-te-vi. Destaca-se, ainda, a mistura de cores, formando uma aquarela que valoriza a beleza do cenário natural em que vivem as personagens. Assim, há uma intencionalidade narrativa nas ilustrações, que dialogam harmoniosamente com o texto verbal, intensificando a experiência estética e sinestésica proposta pela obra.

É importante ressaltar que o(a) educador(a) mediador(a) tem diante de si uma obra literária capaz de impulsionar inúmeras discussões sobre temas opostos, como infância e velhice, ancestralidade e contemporaneidade, pobreza e riqueza, cultura urbana e cultura rural. Esses temas são potentes para ampliar a visão de mundo dos leitores, transformando-os em protagonistas do tempo presente, capazes de compreender as diferenças e valorizar a diversidade cultural do país.



Contribuição da obra para a formação leitora

É fundamental compreender que a formação dos leitores não pode se restringir a uma prática intelectual ou cognitiva; ela deve ser, antes, uma experiência estética — um encontro sensível consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Nesse sentido, a obra de Eva Potiguara e Lumina Pirilampus contribui de forma significativa para as práticas leitoras e o letramento, tanto na escola quanto em bibliotecas públicas e comunitárias. Para isso, faz-se necessária uma mediação consciente, que seja simultaneamente política e poética, como sustenta o especialista chileno em mediação de leitura Felipe Munita (2024), considerando a inteligência e a sensibilidade dos leitores: inteligência para ir além do explícito presente na imagem e no texto, aprofundando os sentidos que permitem a construção de uma visão de mundo mais ampla e sensível, capaz de atuar na sociedade de maneira coerente, empática e solidária.

Nas páginas de *Biguru*, há uma cena que evidencia a integração entre a natureza e os povos indígenas, não só refletida na imagem, mas também na prosa poética da escritora potiguara:



O texto apresenta a protagonista como um passarinho curioso e a sua avó como prima do pássaro João-de-barro. Esse diálogo entre texto verbal e visual convida os leitores a uma reflexão importante: todos pertencemos ao mesmo ecossistema. Na cosmovisão indígena, não há dissociação entre seres, pois todos são natureza. Animais, montanhas e rios compartilham a vida conosco, reafirmando a interconexão de tudo o que existe.



Na sequência narrativa, os leitores são convidados a observar como a protagonista é introduzida de forma lúdica e natural a um costume artístico da tradição indígena:

Logo me levantei e fui até minha avó, que
me ofereceu um bolinho de barro vermelho.

Ela o colocou na palma da minha mão e disse:

— Você não queria uma panelinha de barro?

Então está aí o barro, comece a fazer (p. 13).

Numa educação voltada para os sentidos, por meio do contato e do tato com a terra, Bi-guru vai despertando a artista que há nela, sem peso e sem imposição. Isso suscita reflexões importantes sobre os métodos educacionais urbanos. Qual é o cenário ideal para a aprendizagem? Deve-se estar reduzido a um espaço fechado, em que um adulto compartilha e reproduz tudo o que sabe, tornando-se um modelo a ser imitado pelas crianças? Ou é melhor oferecer meios para que a própria criança desperte seu protagonismo e construa seus próprios caminhos de aprendizagem?

A integração da natureza ao cotidiano da família está presente ao longo de todo o livro, especialmente por meio das ilustrações. Isso se evidencia no uso da prosopopeia, figura de linguagem em que seres inanimados recebem características humanas, refletindo uma cosmovisão particular: “A lua veio iluminar o telhado e apreciar o café coado no bule de metal envelhecido pelo tempo” (p. 21). Essa relação também se manifesta na composição das imagens, como se observa nas páginas a seguir:





O olhar deslumbrado de Biguru para os seus ancestrais, numa reverência aos seus saberes e comportamentos, está referenciado na maneira como o avô também é descrito:

Meu avô veio chegando devagar, enorme, comprido,
com aquele olhar forte e iluminado, sorrindo para mim
com carinho.

Ele se curvou para alisar o cabelo fininho da minha
avó e fez a mesma pergunta do dia anterior:

— Biguru deu muito trabalho hoje?

Os dois me olharam e ela falou das minhas artes no
quintal com o barro.

Eu pedi a bênção esticando a mão. Ele respondeu:

— Deus te abençoe! (p. 23).

Biguru destaca a beleza, a força e a importância da cultura indígena, apresentada na obra não por meio de estereótipos, mas como uma família em harmonia com a natureza. Uma família que cultiva a terra, produz suas artes e objetos de sustento cotidiano, e cujos membros cuidam uns dos outros, com especial atenção aos anciãos, reconhecidos como agentes da manutenção e conservação do meio ambiente em que vivem.

A poesia narrativa está presente em cada página — na prosa, nas ilustrações e nos versos finais, nos quais a autora homenageia sua avó. *Biguru* cumpre, assim, o seu papel: narrar histórias do seu povo para manter vivas as memórias e as tradições resilientes, potentes e artísticas dos povos originários. Além disso, revela-se que os povos indígenas não se restringem a um único território, mas se fazem presentes em toda a sociedade.

Dessa forma, a obra promove reflexões profundas sobre respeito, diversidade, equidade e alteridade, bem como coopera para uma educação antirracista, inclusiva e capaz de proteger a memória, não apenas dos avós de Biguru, mas de toda a ancestralidade que funda a nossa nação.

A obra contribui para o desenvolvimento de competências na área de Linguagens previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), afinal proporciona que os leitores desenvolvam “o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais [...] com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas”, e que compreendam “as linguagens como construção histórica [...] reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (Brasil, 2018, p. 65).



PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO

A antropóloga e pesquisadora especialista em leitura Michèle Petit questiona: “**Como nos tornamos leitores?**” (2011, p. 138). Para ela, “**em grande parte, é uma questão social**” (2011, p. 138). A família tem papel crucial para incentivar esse hábito. Petit observa que muitas crianças e adolescentes se tornam leitores ao seguir o exemplo de seus pais. No entanto, mesmo aqueles sem escolaridade ou sem acesso a livros podem incentivar os filhos à leitura, enquanto filhos de pais leitores nem sempre desenvolvem esse hábito. Assim, não existe uma resposta simples ou definitiva para essa questão.

Para além do incentivo familiar, o contato com a leitura na escola e na biblioteca — envolvendo a maior diversidade possível de textos, em diferentes suportes, épocas e contextos sociais — é decisivo para a formação de um público efetivamente leitor, sobretudo entre crianças dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Nesse processo, a literatura merece atenção especial, pois sua linguagem própria amplia nosso modo de ver e interpretar o mundo. Ao romper com a leitura mecânica e utilitária, a fruição literária promove um deslocamento: desautomatiza o olhar, instiga a criticidade e nos convida a experimentar novas formas de sentir e pensar.

A literatura, mais do que a arte da palavra, é também a arte do encontro — momento em que, ao mesmo tempo, reconhecemos nossos semelhantes e nos confrontamos com o outro, com o diverso. Nesse movimento, aumentamos nossa visão de mundo e somos levados a revisitar e questionar nossas próprias certezas. Nas palavras da escritora argentina María Teresa Andruetto: “**A literatura não é necessariamente o lugar onde encontrar o igual, às vezes é a única janela para se debruçar sobre o diferente**” (2012, p. 75).

Para contribuir com a mediação, sugerimos, na sequência, duas chaves de leitura que podem auxiliar a estruturar rodas de conversa, clubes de leitura e oficinas temáticas tanto em contextos escolares, voltados a leitores dos Anos Finais do Ensino Fundamental, quanto em bibliotecas públicas e comunitárias. Como veremos, trata-se de chaves inter-relacionadas.

De acordo com a educadora argentina Cecilia Bajour, as chaves de leitura são “**modos específicos de entrar nos textos**” (2020, p. 64). Como a chave que abre uma porta, uma chave de leitura nos insere numa obra literária. Podemos escolher as formas de entrar numa casa, assim como podemos ter diferentes formas de adentrar num texto para favorecer a compreensão leitora. Essas chaves são importantes para planejar a conversa entre os leitores a fim de garantir que eles possam usufruir mais da obra e assim ampliar os sentidos construídos durante a leitura. E, durante a mediação, pode ser que surjam outras entradas propostas pelo grupo.

Para as propostas de mediação de leitura de *Biguru*, a primeira chave de leitura que sugerimos enfatiza a relação entre imagens e palavras, de forma a deixar explícita a relação imbricada entre as linguagens verbal e não verbal com o objetivo de incentivar a fruição estética por parte dos leitores.



A segunda chave destaca as temáticas da obra, que apresenta algumas especificidades da cultura indígena, sobretudo a relação respeitosa que os povos tradicionais cultivam com seus ancestrais e, portanto, com suas tradições. Em resumo, enfatiza o relato de memórias da protagonista, que se recorda com respeito de sua avó e de suas tradições.

A relação entre texto e imagem e suas possibilidades

A primeira chave de leitura propõe explorar as relações entre palavra e imagem. Para iniciar essa mediação, é fundamental resgatar as experiências dos leitores com obras literárias e narrativas visuais. Quadrinhos, filmes, séries, animações, entre outras formas de narrativa, podem ser retomados nessa conversa inicial, uma vez que todas essas artes articulam, de diferentes maneiras, as linguagens verbal e não verbal.

Esse bate-papo introdutório, mais que valorizar os conhecimentos dos leitores, pode despertar a curiosidade dos participantes em relação à obra que será apresentada. Sem falar que já prenuncia que se trata de um livro em que palavras e ilustrações são elementos imbricados, complementares, de forma que ambos são igualmente imprescindíveis para a apreciação e para a construção de sentido da poética narrativa de *Biguru*. Em outras palavras, esta é uma obra exemplar para desmistificar preconceitos que reduzem as ilustrações a um papel secundário, como se fossem subordinadas à palavra escrita ou elementos meramente decorativos.

O(a) educador(a) mediador(a) pode mostrar a capa do livro e incentivar os leitores a descrever o que observam. Vale a pena pedir que reparem nas cores com tonalidades intensas e vibrantes, bem como nas expressões faciais das duas personagens principais. A garota parece olhar com admiração para a mulher mais velha, que carrega uma enxada. Ambas estão descalças, caminham numa roça, rodeadas de árvores. A capa já fornece muitos elementos presentes na história. Sugere-se questionar também, com base na imagem da capa e a partir do título da obra, o que os leitores esperam encontrar no decorrer da leitura. É importante verificar as hipóteses e expectativas, pois, ao se sentirem escutados, possivelmente ficarão mais curiosos para conhecer a obra.

É interessante mostrar a dedicatória do livro. Eva Potiguara e Lumina Pirilampus dedicam *Biguru* a suas ancestrais. Dessa forma, já é possível entrever que se trata de uma obra memorialística. Note-se que, na ilustração da página da dedicatória, a mais velha trabalha na terra, e a menina, com características de pássaro, brinca de voar com os braços abertos. O(a) educador(a) mediador(a) pode incentivar os leitores a verificar a correspondência entre essa imagem e as palavras de Eva Potiguara: “Aos avós de ontem e de hoje, que contam histórias para seus netos descobrirem a beleza do sentir, amar e voar na poesia da vida” (p. 5).

No início da narrativa, as ilustrações apresentam mãos moldando o barro. Elas “pareciam dançar numa sintonia sagrada, criando formas com a água e a vida” (p. 6).



Aqui, destaca-se a linguagem poética que permeia o texto verbal: as mãos que dançam, a sintonia sagrada e as formas com a água e a vida. Trata-se de um elogio à avó, que esculpe um fogão de sapê. A ilustração, com traços marcantes, reforça o encantamento da narradora diante da composição da avó. Na página seguinte, a narrativa enfatiza que essas mãos, delicadas para diversas atividades, também são fortes e capazes de transformar o barro em obras sólidas.

Posteriormente, percebe-se que se trata de uma narrativa em primeira pessoa: “Eu, sentada numa pedra lisa, assistia a tudo de olhos arregalados, admirando a magia de minha avó Suzana” (p. 8). É interessante motivar os leitores a descrever as imagens e identificar no texto verbal pronomes e verbos que comprovem que se trata de uma história narrada pela própria personagem. Como na dedicatória, há uma aproximação entre a criança e o pássaro, isto é, reforça-se o voar graças ao afeto e ao encantamento poético que a neta nutre pela avó, e vice-versa.

Biguru também fornece informações mais precisas sobre o espaço da história, ambientada no agreste brasileiro, no interior do Rio Grande do Norte, na terra dos Poti (p. 19). É importante, conforme a BNCC (Brasil, 2018), incentivar os leitores dessa faixa etária — a partir de 10 anos idade — a identificar esse e outros elementos básicos de uma narração.

Quando *Biguru* é convidada a modelar uma panela de barro, a imagem aproxima avó e neta de maneira singela e poética, instaurando uma relação de espelhamento que nasce no olhar. A menina se reconhece no olhar meigo da avó, enquanto os leitores enxergam a avó por meio do olhar da neta. Essa aproximação também se manifesta na transmissão de saberes e ofícios, simbolizada pelas atividades com o barro.

Apesar de ser narrada em primeira pessoa, a história parece ter como protagonista a avó. *Biguru* convida à reflexão sobre como nossa identidade se constrói a partir dos ancestrais e das pessoas por quem nutrimos afetos: nossas histórias são inseparáveis das histórias de outros. A avó, com carinho e ternura, marca profundamente a biografia da narradora, lembrando-nos de que muito do que somos se deve àqueles com quem compartilhamos a vida.

Ao anoitecer, com o fogão e as panelas esculpidos em barro, e com o retorno do avô, *Biguru* e seus ancestrais jantam cuscuz com leite de coco, cujo sabor e aroma são apreciados pela narradora. Trata-se de uma comida frequentemente consumida no Nordeste, o que revela, mais uma vez, a valorização de aspectos culturais locais. Destaca-se, também, a ênfase dada aos aromas e aos sabores. As memórias de *Biguru* se constroem a partir de múltiplas percepções sensoriais — como o tato das mãos que moldam o barro —, mostrando que recordar é também um exercício do corpo, dinamizado pelos sentidos, e não apenas um esforço da mente. As ilustrações, em diálogo com as palavras do texto, dão forma e vida a essas lembranças, assim como a avó dá forma ao barro, transformando a matéria amorfa em objetos carregados de significado.



Assim, palavras e imagens, como vimos, podem assumir novas formas e dar corpo às nossas próprias histórias. Não por acaso, ao final do livro, encontramos um poema que sintetiza, em versos e rimas, os temas explorados ao longo da narrativa. É interessante incentivar os leitores a comparar a métrica, as repetições e outros recursos sonoros e musicais característicos da poesia com as passagens anteriores, igualmente marcadas por sinestésias e outras figuras de linguagem.

Relato de memórias: natureza, infância e afetos

A segunda chave de leitura enfatiza a relação que povos tradicionais possuem com seus ancestrais e com a natureza. A trama de *Biguru* consiste em recordações de uma mulher (kunjã) que se lembra de sua infância, marcada pela presença afetuosa da avó, em especial pela sua atividade de moldar um fogão de sapê.

O manejo do barro exige habilidades e saberes transmitidos de geração em geração. Não por acaso, a menina é convidada a modelar sua própria panela e, em sua primeira tentativa, se atrapalha diante do desafio. Mais do que a aprendizagem de um ofício, esse gesto simboliza a criação e o fortalecimento do vínculo entre avó e neta, além de proporcionar à criança uma experiência de integração, acolhimento e pertencimento.

A modelagem do barro revela uma relação de intimidade com os elementos da natureza, em grande parte perdida na vida contemporânea e urbanizada. É a partir desses elementos, respeitando ciclos e temporalidades, que os povos tradicionais confeccionam artesanalmente seus objetos e preparam seus alimentos. Essa relação com a natureza se reafirma nas menções a aromas naturais — como o do leite de coco — e nas referências a texturas, sons e sabores que conferem às memórias de *Biguru* um caráter afetivo. Tais lembranças sugerem que a própria natureza atua como mediadora dos afetos entre avó e neta. Nesse ponto, pode-se dialogar com os leitores. Que aromas, texturas ou sabores despertam lembranças ou pensamentos afetuosos sobre pessoas e lugares?

No fim da narrativa, depois da lembrança do jantar em que a criança se alimenta de cuscuz com leite de coco, conhecemos *Biguru* já adulta: “Hoje *Biguru* é kunjã, mulher, mas continua sendo aquela criança moldando o barro” (p. 26). Vemos uma mulher indígena, adornada com cocares e outros elementos de sua cultura, que afirma com orgulho sua etnia e identidade — fruto dos saberes e afetos transmitidos por sua avó. A obra, assim, valoriza a ancestralidade como dimensão fundamental da construção da identidade. Tal ancestralidade, à semelhança das descrições multissensoriais da natureza presentes no livro, contribui para que reconheçamos nosso lugar no mundo. Se a avó dá forma ao barro, a neta molda, com as palavras, o seu próprio universo.



ATIVIDADES E PROJETOS LITERÁRIOS

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, espera-se que os estudantes já sejam leitores fluentes, capazes de aprofundar suas experiências com a literatura, ampliando repertórios, compreendendo textos mais complexos e desenvolvendo uma postura crítica diante do que leem. Nas escolas, cabe promover práticas sistemáticas que incentivem a leitura autônoma e o debate interpretativo. Já nas bibliotecas, onde os acessos e agrupamentos são mais flexíveis, as mediações podem favorecer o engajamento dos leitores por meio da partilha de leituras e da construção coletiva de sentidos, criando vínculos que fortalecem a relação com os livros e com os outros. As atividades e os projetos sugeridos neste caderno podem ser adaptados a diferentes contextos, sempre com o compromisso de afirmar a leitura como prática cultural, crítica e socialmente significativa.

Atividade **Poemas e memórias**

Como vimos, em *Biguru* a narradora recorda-se de sua avó, especialmente de suas atividades com a terra e com o barro. Assim, em uma roda de conversa, o(a) educador(a) mediador(a) pode convidar o grupo a se expressar a respeito de pessoas que marcaram positivamente sua infância. Por que essas pessoas foram marcantes?

Depois dessa conversa inicial, o(a) educador(a) mediador(a) pode propor ao grupo a produção de pequenos parágrafos que retomem as memórias compartilhadas oralmente. Em seguida, a leitura da obra é continuada, com destaque para o poema presente ao final do livro, que pode ser lido em voz alta a fim de que rimas, métrica e outros recursos sonoros característicos da poesia sejam apreciados. A atividade pode incluir, ainda, a recriação dessas memórias em forma poética, preferencialmente utilizando tais recursos sonoros. Dessa maneira, valoriza-se a linguagem oral e a escrita, explorando diferentes modalidades e variações da língua. As produções poéticas podem, por fim, ser reunidas e expostas em um mural da escola ou da biblioteca comunitária.

Atividade **Cartas para os mais velhos**

A segunda atividade pode complementar a primeira proposta. Nela, o(a) educador(a) mediador(a) pode incentivar os leitores a redigir cartas destinadas a seus avós ou a algum parente ou pessoa mais velha — independentemente de vínculos biológicos — por quem nutram afeto. Perguntas como “Por que essa pessoa é marcante?” ou “O que os participantes admiram nessa pessoa?” podem servir de norte. Após a redação, a obra pode ser retomada, estabelecendo comparações entre as atividades e as características da pessoa escolhida e as da avó Suzana.

É importante considerar as especificidades do gênero textual: desde a identificação do interlocutor/destinatário, que deve aparecer na introdução e ao longo da carta, até a escolha da linguagem. Por se tratar de um texto permeado por afeto e intimidade, não há necessidade de



seguir rigidamente a modalidade padrão da língua portuguesa. O essencial é que as palavras expressem carinho, admiração e respeito, mesmo que em variações mais informais da língua.

Ao final, as cartas podem ser trocadas entre os participantes, com a possibilidade de leitura em voz alta, caso se sintam confortáveis. Trata-se de uma atividade que fortalece vínculos entre os leitores e valoriza, também, a oralidade. As produções podem ser reunidas em um portfólio coletivo ou, se desejado, entregues diretamente a seus destinatários.

Atividade **Biguru: gestualidade em cena**

Em *Biguru*, como vimos, gestos, texturas, sons, cores e aromas têm forte presença na obra, conferindo vivacidade às memórias da narradora e dramaticidade à narrativa, de modo que os leitores se sentem, de certa forma, inseridos na cena. Com base nessa qualidade sinestésica, pode-se propor a criação de esquetes teatrais inspiradas na leitura do livro.

Também é relevante observar como as paisagens, geralmente caracterizadas por cores vibrantes, desempenham um papel importante no enredo. Elas não funcionam apenas como cenários, mas ajudam a fortalecer a relação entre avó e neta. A partir disso, os leitores podem recriar coletivamente cenários inspirados na obra, utilizando ilustrações e cores vivas, com materiais como cartazes, tecidos e tintas.

Em seguida, os leitores podem decidir coletivamente quem interpretará cada personagem e, se desejarem, criar outros enredos inspirados em *Biguru*, mantendo sempre em destaque a relação afetuosa entre familiares e a valorização da gestualidade e dos trabalhos manuais, como modelar barro ou cozinhar. Por fim, os esquetes produzidos podem ser apresentados a outras turmas ou à comunidade que frequenta a biblioteca, ampliando o alcance da experiência.

Projeto **Contos e cantos indígenas**

O projeto pode ser desenvolvido ao longo de seis semanas e tem como objetivo valorizar a oralidade e as tradições, como ocorre em *Biguru*. Assim, a obra pode ser lida ou relida com o grupo, destacando a gestualidade e a transmissão oral e corporal de saberes e habilidades, como a modelagem de fogão e panela em barro. Também é relevante discutir como essa gestualidade contribui para a construção de memórias e para a formação da identidade da personagem.

Depois da leitura, os leitores podem recontar a história oralmente, com atenção à entonação, ao ritmo e a outros aspectos expressivos da narrativa. Em seguida, sugere-se pesquisar outras narrativas da etnia Potiguara, à qual pertence a autora, e propor que os leitores criem obras ilustradas ou poemas inspirados no livro, buscando comparar essas histórias com as memórias de *Biguru*.

Com essas etapas concluídas, o(a) educador(a) mediador(a) pode organizar, coletivamente, um sarau em que os leitores recontem oralmente *Biguru* e apresentem as produções inspiradas em histórias e tradições indígenas.



Projeto **Histórias contadas a partir de elementos culturais**

Em *Biguru*, como vimos, são apresentadas memórias, especialmente o papel central que a avó Suzana ocupa na narrativa da protagonista. Com base nisso, o grupo pode registrar suas próprias histórias ou a história de algum familiar. Sempre que possível, a pessoa escolhida pelos leitores pode narrar sua história diretamente para o grupo. Também é interessante que os leitores tragam para a escola ou para a biblioteca algum elemento cultural relacionado à sua região — um objeto, artefato ou até mesmo o nome ou a receita de um alimento típico — que dinamize suas memórias ou tenha significado afetivo.

Em seguida, os leitores podem recriar essas histórias, associando o objeto ou bem cultural à narrativa contada, estabelecendo comparações com a história de *Biguru*. A partir das narrativas coletadas, é possível produzir ilustrações inspiradas no estilo de *Biguru*, utilizando lápis e canetas coloridas. Retomar a obra para analisar traços, cores e composição das ilustrações enriquece o olhar e serve de inspiração para a criação de imagens próprias. Por fim, os relatos e as produções artísticas podem ser reunidos e apresentados em um mural, permitindo a valorização das memórias e da criatividade dos participantes.





RECURSOS COMPLEMENTARES

Álbum biográfico guerreiras da ancestralidade: mulherio das letras indígenas — livro

POTIGUARA, Eva; RATTON, Vanessa. *Álbum biográfico guerreiras da ancestralidade: mulherio das letras indígenas*. 1. ed. Guarujá, SP: Amare, 2022.

Obra vencedora do Prêmio Jabuti de Fomento à Leitura em 2023, organizada pela autora de *Biguru*, em que os leitores encontrarão a biografia de 75 indígenas, entre elas, 12 lideranças e 63 escritoras, tanto de poesia quanto de prosa.

Eva Potiguara, Jama Wapichana e a literatura das mulheres indígenas — entrevista

POTIGUARA, Eva; WAPICHANA, Jama. Eva Potiguara, Jama Wapichana e a literatura das mulheres indígenas. [Entrevista concedida a] Marcos Colón. *Amazônia Latitude: ciência e jornalismo pela floresta*, 12 set. 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/lit-ind>. Acesso em: 8 jun. 2026.

Entrevista com as escritoras Eva Potiguara e Jama Wapichana publicada na Plataforma Amazônia Latitude. Elas falam sobre a importância de dar voz e divulgar a produção de mulheres indígenas como ato de resistência cultural.

Especial Mulherio das Letras Indígenas: Eva Potiguara — entrevista

POTIGUARA, Eva. Especial Mulherio das Letras Indígenas: Eva Potiguara. [Entrevista concedida a] Wuldson Marcelo. *Ruído Manifesto*, 15 dez. 2024. Disponível em: <https://tinyurl.com/eva-potiguara>. Acesso em: 8 jun. 2026. A revista digital *Ruído Manifesto* mostra o surgimento do coletivo Mulherio das Letras Indígenas, traz uma entrevista com a escritora Eva Potiguara e apresenta quatro de seus poemas.

Os herdeiros de Jurema — livro

POTIGUARA, Eva. *Os herdeiros de Jurema*. São Paulo: Jandaíra, 2024.

Importante e comovente romance que tem como protagonista Jurema, mulher indígena predestinada a proteger seu povo. Trata-se de uma narrativa que destaca a luta dos povos indígenas pelo direito à terra, valoriza seus conhecimentos e tradições e denuncia as injustiças e violências sofridas por esses povos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/base-mec>. Acesso em: 8 jun. 2026.

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

MUNITA, Felipe. *Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores*. Tradução de Dolores Prades. São Paulo: Selo Emília; Lauro de Freitas: Solisluna, 2024.

NELSEN, Jane. *Disciplina positiva*. 3. ed. Barueri: Manole, 2015.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Tradução de Len Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.